



Territorialidades juvenis no espaço urbano de Feira de Santana – Bahia

Youth territorialities in the urban space of
Feira de Santana - Bahia

1. Helieneidy Ribeiro Carvalho  <https://orcid.org/0009-0009-2425-6469>

1. Universidade do Estado da Bahia (UEB), Feira de Santana, Bahia, Brasil

2. Janio Roque Barros de Castro  <https://orcid.org/0000-0002-1518-3458>

2. Universidade do Estado da Bahia (UEB), Feira de Santana, Bahia, Brasil

Autor de correspondência: hrcarv@hotmail.com

RESUMO

Este artigo se refere às circularidades juvenis na área urbana da cidade de Feira de Santana, estado da Bahia, tendo como estudo de caso os estudantes do Ensino Médio do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, unidade de destaque na rede pública estadual de ensino. O objetivo geral consiste em compreender como esses jovens constroem suas territorialidades, evidenciadas nas múltiplas formas de apropriação dos espaços públicos e equipamentos urbanos. Para tanto, foi adotada uma abordagem qualitativa, sustentada por referencial teórico-conceitual pertinente, fundamentado em revisão bibliográfica, nas observações de campo, visitas técnicas e registros fotográficos dos espaços de circulação juvenil. Os dados empíricos, obtidos por meio de entrevistas, revelam que a carência de segurança e de infraestrutura contribui para a desvalorização dos espaços públicos urbanos. Em contrapartida, os centros comerciais, especialmente os shoppings, são valorizados pelos jovens por proporcionarem conforto, segurança e oportunidades de socialização entre diferentes grupos. Conclui-se que os espaços urbanos e os centros comerciais ampliam as possibilidades de encontros com coletivos sociais pertencentes à mesma faixa etária. Os espaços públicos urbanos e os shoppings apresentariam diferentes formas e intensidades de sociabilidades e de expressões identitárias.

Palavras-chave: Juventudes; Territorialidades; Espaços públicos; Espaço urbano

ABSTRACT

This article addresses youth circulation in the urban area of Feira de Santana, in the state of Bahia, Brazil, using high school students from Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães—a prominent institution within the state public school system—as a case study. The general objective is to understand how these students construct their territorialities, as expressed through various forms of appropriation of public spaces and urban facilities. A qualitative approach was adopted, supported by a relevant theoretical-conceptual framework, based on literature review, field observations, technical visits, and photographic records of youth circulation areas. Empirical data collected through interviews indicate that a lack of safety and infrastructure contributes to the devaluation of urban public spaces. Conversely, commercial centers—particularly shopping malls—are preferred by young people for offering comfort, security, and opportunities for interaction among different youth groups. It is concluded that both urban spaces and shopping malls increase the chances of

encounters with social groups from the same age range. Urban public spaces and shopping malls thus represent distinct forms and intensities of youth sociability and identity expression.

Keywords: Youths; Territorialities; Public spaces; Urban space.

Introdução

Os estudos sobre juventude se tornaram cada vez mais frequentes nos debates acadêmicos, constituindo tema aprofundado e analisado por diversas áreas do conhecimento, demonstrando diversas perspectivas de abordagens. O interesse por temáticas como os jovens e o território, as práticas de sociabilidade das juventudes, as diferentes manifestações de territorialidades, além de movimentos culturais juvenis têm ganho ênfase nas pesquisas e produções acadêmicas nas Ciências Humanas e Sociais, sendo marcante nas diversas vertentes da Geografia humana.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar como os estudantes do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães (CMLEM), localizado em Feira de Santana, na Bahia, constroem suas territorialidades na área urbana da cidade, considerando como estudos de caso os estudantes do ensino médio do referido estabelecimento educacional. A pesquisa sobre as territorialidades juvenis teve origem na observação do cotidiano escolar, com foco em temas como violência, questões étnicas, inclusão/exclusão social, relações de poder, construção e afirmação de práticas territoriais e expressões identitárias.

As abordagens teóricas estão assentadas notadamente em temas como espaços públicos e territorialidades juvenis no espaço urbano. As observações iniciais indicam que os jovens estabelecem interações em espaços físicos e simbólicos, formando redes de amizade que desempenham papel essencial na construção de identidades individuais e coletivas. Os jovens estabelecem interações e conexões com outros jovens e grupos presentes nos espaços físicos ou simbólicos, construindo redes de amizade e pertencimento. Essas interações sociais são fundamentais para a formação de identidades coletivas e individuais, influenciando comportamentos, valores e aspirações dos jovens. A territorialidade juvenil, portanto, está intrinsecamente ligada às relações

sociais tecidas, e o reconhecimento desta territorialidade oferece aos jovens oportunidades para o exercício da cidadania e a participação ativa na sociedade.

Este trabalho é composto pela introdução (primeira seção textual), seguida de uma breve exposição textual da metodologia. A discussão teórica sobre as dimensões temáticas abordadas é desenvolvida ao longo da terceira e quarta seções, que são iniciadas com os conceitos de espaço público e territorialidades, seguindo de uma apreciação de abordagens sobre juventude, relacionadas aos usos e apropriações de espaços públicos na construção das territorialidades e expressões identitárias. Na quinta seção, é feita uma análise sobre as circularidades juvenis, tendo como referência as especificidades de estudantes do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, constituindo um estudo de caso.

Metodologia

O percurso metodológico do desenvolvimento de uma pesquisa revela um conjunto de princípios, técnicas e abordagens, e o tipo de pesquisa desenvolvido busca explicações mais aprofundadas sobre aspectos particulares do comportamento juvenil e o contexto de suas relações e circularidades. Minayo (2002) afirma que a pesquisa qualitativa aborda questões específicas, concentrando-se em aspectos não quantificáveis da realidade nas ciências sociais. Ela explora o domínio dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, envolvendo um espaço mais profundo de relações, processos e fenômenos que não podem ser simplificados pela mensuração de variáveis.

O método de investigação com base na abordagem qualitativa mostrou-se adequado ao tema de estudo, uma vez que privilegia a compreensão e a interpretação dos resultados, com o objetivo de observar e explicar fenômenos complexos por meio de análises que exigem o enfrentamento direto da identificação do problema. Esse processo, muitas vezes, envolve interpretações subjetivas, considerando sensações, pensamentos, opiniões, sentimentos e percepções dos sujeitos. Assim, a pesquisa

qualitativa busca compreender a trajetória e os contextos que originaram o problema investigado.

Estas estratégias de coleta de dados, que incluem entrevista, formulário, grupo focal e observação, permitiram uma compreensão mais ampla das territorialidades juvenis construídas pelos alunos do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. Tal abordagem se propôs a ouvir os sujeitos sociais no contexto investigativo da pesquisa, a fim de analisar como se expressam as territorialidades juvenis no espaço urbano de Feira de Santana construídas pelos alunos dessa unidade escolar. Nesse contexto, a professora Arilda Godoy (1995) destaca que a escolha pelo estudo de caso se torna a estratégia preferida quando os pesquisadores buscam entender como e por que certos fenômenos acontecem.

Para o Estudo de Caso proposto, foram entrevistados cinco alunos, três moças e dois rapazes, todos estudantes das três séries do turno diurno do Ensino Médio do CMLEM, com idades entre quinze e dezessete anos. O roteiro da entrevista foi dividido em duas partes: I. Perfil do entrevistado; II. Circularidades e dinâmicas espaciais, na busca do perfil sociocultural dos jovens, visando a mapear suas circularidades. A entrevista foi do tipo estruturada, um roteiro em que as questões e a ordem estão dispostas do mesmo modo para todos os entrevistados. A técnica da entrevista foi aplicada a um grupo menor, quando comparado aos participantes do questionário do *Google Forms*.

O uso do *Google Forms*, aplicativo do Google Drive que está integrado a outros serviços do Google, foi fundamental para uma coleta de dados mais ampla, pois sendo uma ferramenta gratuita de criação de formulários, os quais podem ser acessados de forma on-line na rede social *WhatsApp* e no E-mail institucional do Estado da Bahia e-nova, e-mail a que todos os alunos da rede pública de ensino estadual têm acesso, o que possibilitou o alcance de cento e noventa e um alunos participantes, respondendo a doze perguntas de múltipla escolha, sobre aspectos socioeconômicos e culturais. Esta ferramenta abordou as circularidades dos estudantes, incluindo locais frequentados, atrações na cidade, grupos sociais, espaços urbanos durante a semana e finais de

semana, locais considerados perigosos ou proibidos e sugestões para intervenção nos espaços públicos.

Além das entrevistas, as observações *in loco* dos estudantes nas áreas comuns do colégio complementaram a coleta de informações, utilizando a técnica de observação não participante, na qual o observador entra em contato com o grupo estudado sem se envolver ou se integrar. Outro método de coleta de dados foi o grupo focal, escolhido como instrumento para traçar o perfil das circularidades de alunos/alunas no espaço urbano de Feira de Santana, dentro do processo de autoconhecimento e percepção de suas identidades culturais. O grupo focal foi aplicado apenas a estudantes do segundo ano do ensino médio. Nos três métodos escolhidos, a identidade dos jovens foi preservada, tendo em vista serem menores e precisarem da autorização dos pais e responsáveis, tornando-se um possível desestímulo à participação voluntária. Procurou-se fazer uma diversificação metodológica para se obter uma leitura abrangente e pluralista das questões atinentes à territorialidade juvenil em Feira de Santana.

Durante uma atividade de Geografia da segunda série do ensino médio, foram formados grupos para discutir a construção dos processos identitários assentados nas diversas influências culturais de matrizes africanas no Brasil, com o tema "Uma viagem histórica, literária e cultural", que se constituiu em uma forma de conversa entre amigos, incentivando a partilha de informações sobre o tema, momento propício para colher informações e percepções. Os participantes foram selecionados com base em características compartilhadas, como idade, gênero e contexto social. Procurou-se concentrar as atividades no contexto da realização do novembro negro, uma atividade já consolidada no calendário escolar, em que são debatidas diversas questões e temáticas étnico-territoriais que englobam coletivos sociais afrodiaspóricos, a exemplo das diversas formas de violência no espaço urbano.

Espaços públicos urbanos, juventudes e questões identitárias

Serpa (2004) apresenta, por meio de uma análise crítica e contextualizada de seus projetos e intervenções urbanas, uma forma de compreender o espaço público como elemento fundamental para a construção de identidades e fomento da participação cidadã e transformação social. Nessa perspectiva, pode-se compreender que a construção das identidades e sociabilidades juvenis está intrinsecamente associada às relações com os espaços públicos, considerando que nesses espaços os jovens vivenciam suas identidades individuais e coletivas, buscando espaços que permitam a expressão de suas subculturas, identidades étnicas, interesses e preferências.

Por meio da criação de "tribos urbanas" e grupos de afinidade, os jovens constroem relações de pertencimento e solidariedade, fortalecendo suas identidades e encontrando apoio emocional e social. O espaço público, deste modo, desempenha papel fundamental na formação e consolidação das identidades juvenis.

Na concepção de Serpa (2004):

No espaço público da cidade contemporânea, o "capital escolar" e os modos de consumo são os elementos determinantes das identidades sociais. Aqui, diferença e desigualdade articulam-se no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo, simbólica. Visto assim, acessibilidade e alteridade têm uma dimensão de classe evidente, que atua na territorialização (e, na maior parte dos casos, na privatização) dos espaços públicos urbanos. O conceito de *habitus* é, sem dúvida, a melhor ferramenta disponível para perceber como a dimensão de classe age sobre cada indivíduo na esfera cultural. A identidade social se define e se afirma a partir de uma alteridade que expressa também uma dimensão de classe, uma alteridade ao mesmo tempo 'desigual' e 'diferente'. Desse modo, a acessibilidade ao espaço público da/cidade contemporânea é, em última instância, "hierárquica" (Serpa, 2004, p. 26).

Sobarzo (2006) destaca os possíveis desafios surgidos na apropriação do espaço público, incluindo a desigualdade de acesso, a exclusão de certos grupos sociais e a falta de representatividade. Também enfatiza a importância de políticas públicas inclusivas e de processos participativos para garantir uma apropriação mais equitativa e plural dos espaços públicos. Assim, a cidade contemporânea se apresenta como espaço de múltiplas juventudes, cujas circularidades revelam tanto desigualdades estruturais quanto potências criativas. Reconhecer essa heterogeneidade não é apenas descrever

um cenário social diverso, mas afirmar a necessidade de políticas públicas sensíveis às diferenças, comprometidas com a construção de espaços urbanos mais democráticos, inclusivos e representativos da pluralidade das juventudes brasileiras.

É importante considerar a dimensão geracional nos debates sobre a diversidade de sujeitos sociais no espaço urbano. Segundo Cavalcanti (1999), cidade é, para os crianças e jovens em idade escolar, em primeiro lugar, a sua morada, o seu abrigo. Os jovens são agentes ativos nas dinâmicas urbanas e têm necessidades e demandas específicas em relação à cidade. A referida autora ressalta que, para compreender as relações dos jovens com as áreas urbanas, é preciso considerar a interação entre a cultura urbana e os espaços físicos que eles habitam, preconizando que os jovens, ao se apropriar dos espaços, constroem identidades, estabelecem relações sociais e expressam suas práticas culturais. Para Sobarzo (2017, p. 95) “[...] o espaço público se constitui por um tipo de propriedade e por uma possibilidade de uso”. Assim, compreender as territorialidades juvenis é essencial para uma análise abrangente das dinâmicas sociais contemporâneas. As trilhas teóricas, ao longo da pesquisa que resultou no texto em tela, consideraram as dimensões simbólicas, cognitivas e relacionais no contexto das territorialidades juvenis no espaço urbano.

A perspectiva simbólica enfoca os significados atribuídos aos espaços, considerando-os expressões identitárias, memórias e pertencimento. A perspectiva cognitiva analisa o meio pelo qual as pessoas percebem, interpretam e constroem representações mentais dos territórios. Já a perspectiva relacional explora as interações e as relações sociais que ocorrem nos territórios, destacando a importância dos encontros, conflitos e negociações entre os indivíduos e grupos.

O conceito de territorialidade engloba as múltiplas formas pelas quais os sujeitos sociais e grupos estabelecem e mantêm relações com os espaços que ocupam. A territorialidade é um conceito multidimensional que abrange as relações entre os indivíduos e os espaços que eles ocupam. No contexto das juventudes, a territorialidade assume particularidades, refletindo a forma como os jovens constroem sua identidade, estabelecem relações sociais e expressam suas práticas culturais. Por consequência, examinar as obras acadêmicas acerca da temática das territorialidades e

territorialidades juvenis para compreender as implicações desse fenômeno é imprescindível no contexto deste estudo. Isto posto, a revisão bibliográfica apresenta teóricos consagrados no campo das pesquisas geográficas e sociais sobre territorialidade.

Em consonância com Marcos Saquet (2007), a territorialidade refere-se às práticas sociais que envolvem a apropriação, a delimitação e o controle de um determinado espaço por parte de grupos sociais específicos. Essas práticas podem ser observadas em diferentes escalas, desde as relações cotidianas entre indivíduos e comunidades, até as dinâmicas mais amplas de disputa territorial entre nações e estados. Isto se evidencia quando Saquet (2007) afirma que a territorialidade abrange todas as atividades cotidianas em diversos espaços, como trabalho, lazer, igreja, família e escola. Ela é tanto resultado quanto determinante do processo de produção de cada território, refletindo a complexidade social e as relações de dominação entre indivíduos ou grupos sociais, objetos e relações em diferentes partes do espaço geográfico.

Nas pesquisas contemporâneas sobre a temática juventude, que tenham como recorte espacial os jovens em ambiente escolar, territorialidades juvenis, expressões identitárias no espaço urbano e as culturas juvenis, encontram-se sempre referências bibliográficas ligadas a departamentos ou observatórios que pesquisam e estudam exclusivamente juventudes. O sociólogo Juarez Dayrell (1999; 2007), Coordenador do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enfatiza conceitos como diferenças, diversidade cultural e identidades, uma abordagem territorial, presente também o conceito de espaço, numa perspectiva sociológica.

Territorialidades juvenis no espaço urbano: apreciações teóricas

Segundo Dayrell (1999, 2007), as expressões culturais da juventude que refletem suas experiências diárias surgem em contextos nos quais novas formas de interação territorial são reinventadas, e os espaços retratados em suas obras são experimentados diariamente pelos jovens de maneiras tão diversas quanto as múltiplas manifestações juvenis existentes. Não apenas a interpretação dos territórios é única para cada indivíduo, mas também a forma como vivencia esses espaços. E o universo estudantil,

sua multidimensionalidade, abrange diversas vivências em um único lugar, com grupos que coexistem e competem por esse território, conforme explica Dayrell (2007):

Sem nos deter num conceito específico, quando falamos em culturas juvenis nos referimos a modos de vida específicos e práticas cotidianas dos jovens, que expressam certos significados e valores não tanto no âmbito das instituições como no âmbito da própria vida cotidiana. [...] O processo de construção das culturas juvenis tem de ser entendido no contexto da origem social e das condições concretas de vida na qual os jovens estão sendo socializados (Dayrell, 2007, p. 35-36).

Os principais conceitos estudados por Dayrell (2007) são desenvolvidos em uma perspectiva multidisciplinar em que o sociólogo busca uma percepção geral do sujeito, sendo, desta forma, a juventude compreendida como categoria social. Portanto, afirma que a juventude não é apenas uma fase biológica, mas também uma categoria social construída historicamente, que varia de acordo com o contexto cultural e social. Essa juventude ainda é analisada como sujeito social, quando o autor destaca a importância de compreender os jovens como sujeitos sociais ativos, capazes de produzir e transformar sua realidade.

A cultura juvenil, em Dayrell (2007), é apresentada como portadora das manifestações culturais próprias da juventude, como música, dança, moda e linguagem, que são formas de expressão e identidade dos jovens. Já o conceito de territórios juvenis é visto por este mesmo pesquisador como os espaços de convivência dos jovens, como escolas, praças e bairros, e como esses espaços são apropriados e significados por eles. Para descrever a forma como os jovens transitam e se relacionam com diferentes espaços e contextos sociais, o autor utiliza o conceito de multiterritorialidade, destacando a importância da escola como espaço de sociabilidade e construção da identidade juvenil, onde ocorrem interações e conflitos entre diferentes grupos. Portanto, deve-se observar que:

Um estilo expressa tanto o processo de globalização, com questões universais, quanto relações locais e a leitura própria do contexto no qual se inserem. Enfim, aponta para a importância atribuída pelos jovens à convivência com um grupo de iguais, o compartilhar de sentimentos de pertencimento e as experiências cotidianas possibilitadas pela vivência mediada pelo estilo” (Dayrell, 2007, p. 44)

Diversas são as abordagens e contribuições de Dayrell (2007) para a juventude, entretanto, além das citadas, outra pertinente para esta pesquisa é a relação entre juventude e políticas públicas, analisadas sob a ótica de alcance das demandas juvenis, avaliando sua efetividade e propondo novas abordagens que considerem a diversidade e as demandas dos jovens.

Os conceitos de juventude, sociabilidade, culturas juvenis, lugar e território analisados por Turra Neto (2008) estão diretamente associados ao seu objeto de pesquisa: a apreensão e a análise da sociabilidade juvenil no meio urbano, considerando o tempo, o espaço, as redes e os territórios. Isso numa abordagem focada no processo de constituição de um lugar, ao longo do tempo, e como as práticas e espaços de sociabilidade disponíveis foram se transformando no processo ou sendo alteradas pelas próprias transformações na sociedade local, sempre em articulação com contextos relacionais mais amplos.

Outra contribuição deste pesquisador para o desenvolvimento desta pesquisa foi o procedimento metodológico, que também se constituiu na análise da contemporaneidade e da sociabilidade juvenil na cidade, pensando nos múltiplos processos que envolveram a constituição das redes de sociabilidade juvenil na cidade, pensando nos múltiplos processos que estão envolvidos na constituição das redes de sociabilidade. Neste sentido, Turra Neto (2008) enfatiza que:

[...] é preciso frisar que não são todos os/as jovens, em todos os contextos que realizam sua sociabilidade em grupos de estilo. Há formas variadas de agrupamentos juvenis, como em torno de times de futebol, em torno da escola, de grupos folclóricos, de igrejas e mesmo em torno de eventos e lugares da moda (Turra Neto, 2008, p. 408).

Segundo Turra Neto (2008), a ideia de juventudes, no plural, está no centro das abordagens contemporâneas. Nessa trilha analítica, entende-se que a territorialidade juvenil se refere à forma como os jovens se relacionam com o espaço físico e social ao seu redor, estabelecendo laços emocionais, identitários e práticos com determinadas áreas geográficas, sendo possível perceber a existência de ‘juventudes’, uma vez que essa relação com o território é influenciada por diversos fatores, como cultura, contexto

socioeconômico, gênero e etnia, entre outros, proporcionando aos jovens desenvolver uma série de práticas, comportamentos e representações simbólicas que contribuem para a construção de suas territorialidades e da diversidade de manifestações da juventude.

Ao se sentirem parte integrante de um território, os jovens podem se engajar em ações coletivas e processos de transformação social, começando pela consciência de si mesmos, o que poderá proporcionar sua participação como sujeitos sociais ativos, desenvolvendo habilidades de liderança e responsabilidade, assumindo protagonismo na sociedade. Nesta seção, então, serão apresentados, através das falas dos entrevistados, os usos, acessos, percursos, equipamentos urbanos, espaços públicos e privados frequentados pelos jovens estudantes do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, com um recorte etário entre 14 e 18 anos.

Observar as territorialidades juvenis em Feira de Santana se torna necessário para a compreensão dos processos de ocupação e vivência dos espaços urbanos por parte dos jovens estudantes na faixa etária de 14 a 18 anos, ou seja, alunos do Ensino Médio. Uma análise do panorama atual permite explorar as relações entre os jovens e os espaços de lazer da cidade, destacando as dinâmicas sociais, culturais e espaciais presentes nessa relação, tornando possível perceber as territorialidades juvenis.

Compreendendo esse processo de troca de experiências, de influências e determinações, mas não o estabelecendo com regra dogmática, podem-se buscar nas personalidades uma fração dos espaços frequentados, bem como nos espaços os vestígios de seus frequentadores. No exercício das práticas culturais juvenis, “[...] os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados. Um exemplo claro é o sentido que os jovens atribuem ao lugar onde vivem” (Dayrell, 2007, p. 8).

A percepção de segurança e conforto é o fator fundamental na atração do público aos espaços urbanos. Ao serem indagados sobre quais lugares os jovens mais frequentam em busca de lazer, espaços como *shopping centers* e grandes empreendimentos privados de uso coletivo são compreendidos como espaços públicos, tendo em conta que, por serem partilhados por diversos grupos etários e identitários,

conferem uma ideia do possível uso por todos, denominado por Moser (2016) como espaço semipúblico. As circularidades de jovens no espaço urbano de Feira de Santana englobam questões identitárias, étnicas, estéticas, etárias, culturais, além de temas fortemente veiculados a diferentes segmentos midiáticos, como a violência urbana. Trata-se, portanto, de um assunto com várias camadas e interações temáticas.

As territorialidades juvenis em Feira de Santana: leituras a partir de estudantes do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães

Segundo Santo (2012), Feira de Santana é reconhecida como um polo regional de grande importância, bem como um centro de convergência rodoviário de âmbito regional e nacional. Sua localização estratégica possibilita a interceptação de diversas demandas por serviços, especialmente provenientes do interior do Estado, sobretudo nas áreas de educação, saúde e comércio. Caso não fosse pela presença e atuação de Feira de Santana, essas demandas seriam direcionadas para Salvador, a capital do Estado da Bahia. Dentro da divisão político-administrativa do estado, o município de Feira de Santana integra o Território de Identidade Portal do Sertão, constituído por 17 municípios.



Elaboração: Autores (2023)

Entre as maiores instituições de ensino da educação básica feirense está o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, parte de um projeto que compõe uma rede de colégios estaduais da Bahia, inaugurada no fim da década de 1990. No ano de 1998, logo após o súbito falecimento do deputado federal Luís Eduardo Magalhães, filho do ex-governador da Bahia, então senador Antônio Carlos Magalhães, foi decretada a construção de “colégios modelo”, exclusivos para o Ensino Médio nas principais cidades da Bahia. Todos levaram o nome de Luís Eduardo Magalhães em homenagem ao idealizador do projeto. A construção dos colégios foi iniciada logo após a publicação do ato oficial nº 7.293 no Diário Oficial do Estado do dia 05/05/1998, tendo sido construídos em menos de um ano. Todas as unidades foram edificadas segundo um projeto arquitetônico único, com a mesma fachada e disposição de ambientes. A Figura 2 mostra a fachada do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães de Feira de Santana, situado na esquina entre a Rua Vasco Filho e a borda da BR 324, na Avenida Presidente Dutra.

Figura 2 - Fachada do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, de Feira de Santana



Fonte: Autores (2023)

Os "Colégios Modelo" da rede Luís Eduardo Magalhães se destacam por oferecer uma estrutura física adequada, recursos tecnológicos e uma equipe docente qualificada. Além disso, adotam uma abordagem pedagógica inovadora, incentivando a participação ativa dos estudantes, a pesquisa, o pensamento crítico e a criatividade. Priorizam o protagonismo dos alunos, promovendo oportunidades para o envolvimento em projetos de pesquisa, extensão e atividades extracurriculares, visando à formação integral. A estrutura interna das unidades inclui 20 salas de aula, sala de estudo e biblioteca, laboratórios de química e biologia, área de recreio coberta/refeitório, quadra esportiva não coberta e auditório climatizado com 250 assentos. Com mais de 60 professores e 1.611 alunos matriculados, o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães opera com aulas nos turnos matutino, vespertino e noturno, sendo que no turno noturno abriga menos de 300 alunos, de acordo com dados do sistema de matrículas de 2023. Vale ressaltar que a localização geográfica dessa unidade desempenha papel fundamental na formação de sua comunidade, juntamente com a ampla gama de ofertas educacionais, que incluem o Novo Ensino Médio, a educação integral, o ensino noturno, com

programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), e uma diversidade de cursos profissionalizantes.

Em Feira de Santana, diariamente, o centro urbano experimenta movimentação intensa com pessoas percorrendo diversos itinerários. Nas proximidades das escolas, os pontos de ônibus concentram jovens estudantes e pessoas de diferentes faixas etárias. Os trajetos juvenis exibem características espaço-temporais distintas. Durante o dia, as principais opções de lazer para os jovens nos espaços públicos incluem quadras esportivas nos bairros mais populares, avenidas projetadas para atividades como caminhadas, corridas e ciclismo, assim como parques públicos ao redor de lagoas e pistas de *skate*. Além disso, há poucos terrenos baldios utilizados para partidas informais de futebol com os moradores locais.

No período noturno, é possível observar a concentração de grupos jovens em espaços específicos, em que se destacam diferentes formas de entretenimento festivo. Ao longo da última década, com a expansão urbana, Feira de Santana, mesmo não sendo litorânea, portanto, desprovida de praias, floresceu com a gastronomia como destaque nos espaços de lazer. As áreas mais procuradas para lazer e sociabilização estão situadas nas proximidades das principais avenidas estruturantes do sistema viário intraurbano da cidade, como a Avenida Presidente Dutra, Avenida Getúlio Vargas, Avenida Noide Cerqueira e Avenida Fraga Maia (Figura 1). Essas vias arteriais atravessam a cidade, conectando diversos bairros e se integrando a outras ruas que compõem a malha viária urbana.

Assim, tornando-se famosa pela sua vida noturna agitada e repleta de bares, restaurantes e lanchonetes, que oferecem desde petiscos até culinárias japonesa e baiana, locais como a Rua São Domingos - onde se encontram alguns dos estabelecimentos mais antigos e tradicionais -, a Avenida Getúlio Vargas e a Avenida Presidente Dutra se transformaram em pontos de encontro para jovens, notadamente estudantes das escolas privadas situadas nas proximidades. Após o período pandêmico, a vida noturna agitada se dispersou, concentrando-se agora na Rua Artêmia Pires, próxima à Avenida Noide Cerqueira, atualmente, na Avenida Fraga Maia, que se estende a partir da Avenida Maria Quitéria, próxima ao anel viário que circunda Feira de

Santana. Esses espaços atraem pessoas de diferentes faixas etárias, mas a maior concentração é de jovens, que se reúnem nos inúmeros bares temáticos, *pubs*, hamburguerias, restaurantes e *trailers* de comida na frente das lojas de conveniência dos postos de gasolina.

No estudo de caso desenvolvido, o questionário demonstrou que o perfil dos entrevistados se adapta ao traçado por meio do formulário *Google Forms*. Isto se deve ao fato de o CMLEM não apresentar distorção idade/série entre seus alunos. Deste modo, a idade de todos os entrevistados e dos que responderam ao *Forms* seguiu o esperado para o Ensino Médio. Apesar de parecer haver uma variação na renda familiar dos estudantes, não existe fosso social entre eles. Observa-se, por exemplo, que o transporte mais frequentemente utilizado para circular pela cidade, principalmente para a locomoção no trajeto casa-escola, é o transporte público, com mais de 65% de adeptos. E neste trajeto entre suas residências e o CMLEM, 60% dos participantes responderam que levam de 15 a 30 minutos; para outros 24% dos estudantes, este tempo fica em pouco mais de 40 minutos. Os estudantes passam um tempo considerável em seus trajetos, o que lhes oportuniza perceber elementos do cotidiano urbano.

A maioria dos participantes da investigação, no quesito sexo/gênero, identificou-se como do gênero feminino, representando 66% do total, equivalente a 131 sujeitos. Já 29%, correspondendo a 57 participantes, declararam-se do gênero masculino. Além disso, 1,5%, ou seja, 3 indivíduos, não se identificaram com os gêneros masculino ou feminino, ou optaram por não responder a essa questão. Essa diversidade de gênero evidencia um elemento significativo na forma como os jovens se apropriam do espaço urbano e constroem suas percepções acerca dos espaços públicos, considerando que tais experiências são profundamente impactadas por questões de segurança, mobilidade e pertencimento.

Outros aspectos fundamentais na caracterização do perfil dos jovens que experienciam a cidade diz respeito à identificação étnico-racial e à condição socioeconômica. Em relação à autodeclaração racial, a maioria dos sujeitos (70,7%, totalizando 139 participantes) se reconhece como parda e/ou negra. Aqueles que se

declararam brancos somam 47 alunos, representando 24,6% da amostra, enquanto aqueles que se identificaram como amarelos e/ou asiáticos perfazem um total de 5 indivíduos, correspondendo a 2,6%. Embora haja predominância de jovens pardos e negros, observa-se também presença significativa de estudantes que se identificam como brancos, o que reafirma a heterogeneidade e a diversidade presentes no grupo analisado.

No contexto atual de crescente violência no país — em que as mulheres, independentemente da idade ou condição social, aparecem com frequência como vítimas de violência urbana nos noticiários —, a busca por segurança tem se destacado como fator central nas escolhas dos espaços de circulação, tanto públicos quanto privados, e principalmente nos deslocamentos entre esses ambientes. O mesmo se aplica para a questão étnica, pois alguns/algumas estudantes negros/negras relataram que temem as circularidades no espaço urbano de Feira de Santana por causa do racismo.

Compreender as juventudes como sujeitos/coletivos sociais complexos implica reconhecer sua capacidade de agência e protagonismo na construção de novos territórios, que são de enfrentamentos políticos e, ao mesmo tempo, simbólicos. Os espaços da cidade tornam-se extensões de suas identidades, lugares de afirmação cultural, de convivência e de luta por visibilidade. A pluralidade de trajetórias, somada à mobilidade entre territórios físicos e simbólicos, evidencia a multiterritorialidade juvenil, confirmando que esses sujeitos não estão confinados a uma única realidade, mas transitam entre diferentes mundos sociais, negociando códigos, pertencças e expectativas.

Os adolescentes, com idades entre 12 e 17 anos, tendem, ao longo da semana, a circular mais, envolvendo-se em diversas atividades cotidianas, incluindo momentos de lazer. Nos fins de semana, uma parcela desses jovens se reúne nos shopping centers para o chamado "rolezinho", um encontro informal com seus grupos. No entanto, dependendo da cultura, alguns grupos optam por se encontrar em parques. Por exemplo, jovens capoeiristas e religiosos, principalmente católicos e evangélicos, frequentam as margens da lagoa do Parque Erivaldo Cerqueira ou da Lagoa Grande

durante o dia. Em certos momentos, esses espaços parecem proporcionar convivência harmoniosa. No entanto, surgem tensões quando grupos heterogêneos interagem, envolvendo diferenças de classe social, raça, gênero, endereço, traços culturais e diversas condições de vivenciar a juventude, conforme apontado por Oliveira (2023). Esse fenômeno é mais evidente em ambientes como *shopping centers*, nos quais as disparidades socioeconômicas tornam perceptíveis as tensões na pseudointeração entre jovens.

Nesse cenário de aparente igualdade na utilização e apropriação do espaço público, está encoberta uma segregação tanto material quanto simbólica, uma realidade que, segundo Serpa (2017), precisa ser reconhecida. Diante disso, o autor destaca a importância de levar em conta as dimensões culturais e econômicas ao examinar o espaço público e suas implicações. A dinâmica dos circuitos juvenis é uma evidência clara, pois os grupos que frequentam os "points" em Feira de Santana são reconhecidos socialmente pelos residentes, estabelecendo territórios visivelmente excludentes para alguns jovens, principalmente os provenientes de bairros economicamente menos privilegiados, que são socialmente estigmatizados. Por consequência, a vida cotidiana revela que o espaço público não é neutro, mas, sim, um campo de lutas sociais e políticas, moldado por relações de poder, desigualdades sociais e interesses conflitantes.

As relações e as interações sociais, tanto entre os jovens quanto com o ambiente a seu redor, dão origem às dinâmicas circulares da juventude. Essas interações podem ocorrer em diversos espaços e contextos como escolas, comunidades e grupos de amigos, envolvendo a troca de conhecimentos, experiências e valores. Essa interação contribui de maneira significativa para a formação identitária dos jovens. Além disso, as dinâmicas circulares da juventude exercem influência nas atitudes, nos comportamentos e nas perspectivas dos jovens em relação à sociedade, apresentando uma série de desafios e oportunidades importantes para a construção e reconhecimento de suas identidades.

A diversidade de perspectivas e de experiências entre os jovens pode gerar inovações e soluções criativas para enfrentar desafios sociais. Porém as dinâmicas

circulares da juventude também apresentam desafios como a falta de participação efetiva dos jovens nas tomadas de decisões e a perpetuação de desigualdades sociais. De acordo com Melo (2015), os jovens enfrentam obstáculos ao se envolverem em espaços públicos, incluindo a escassez de recursos, representação limitada e, principalmente, a estigmatização. Superar essas barreiras exige uma revisão desses espaços e a implementação de estratégias inclusivas, frequentemente com a colaboração de organizações comunitárias. É fundamental observar iniciativas bem-sucedidas lideradas por jovens para aprendermos como criar espaços públicos inclusivos que capacitem e envolvam efetivamente a juventude.

Quando perguntados sobre os grupos juvenis urbanos, comumente chamados de ‘tribos’ urbanas, os estudantes nas discussões nos grupos focais elencaram vários grupos. O Grupo Focal 2.6 apontou os *skatistas* e outras expressões culturais como roqueiros e fãs de música alternativa, participantes da cultura *hip-hop*, *rappers*, *b-boys* e grafiteiros. Lembraram-se também dos jovens ligados à cultura *geek*, *nerd* e LGBTQIAPN+, sendo esse último grupo marcante na unidade escolar. Mas os *skatistas* foram os primeiros da lista. Os alunos do Grupo Focal (G.F) 2.3 escreveram: “É predominante a tribo dos esqueitistas [grafia dos alunos]. Na Getúlio Vargas é possível ver uma pista de *skate*, um espaço público que faz com que a população - principalmente jovens - pratique o esporte de maneira espontânea.”

As "Circularidades Juvenis", em Feira de Santana, revelam uma dinâmica intrinsecamente ligada à rede de relações entre os jovens e os espaços públicos urbanos. Essa interação apresenta facetas múltiplas que transcendem a simples ocupação física dos espaços urbanos, abrangendo também aspectos sociais, culturais e identitários da juventude.

Os jovens figuram como agentes ativos na construção de suas identidades, estabelecendo laços particulares com os espaços públicos da cidade. Essas relações, por vezes, refletem um processo de apropriação simbólica, transformando praças, ruas e outros locais urbanos em pontos de encontro, expressão cultural e vivências compartilhadas. Esses espaços se transformam em territórios para as manifestações identitárias juvenis, muitas vezes influenciadas por elementos como arte urbana,

diversidade musical, assim como por múltiplas manifestações culturais contemporâneas, fruto das diversas ‘tribos’ ou juventudes que constituem os cenários em que os jovens desenvolvem suas circularidades e interações sociais. Por consequência, praças e locais de lazer tornam-se não apenas áreas físicas, mas também arenas sociais onde as relações interpessoais se desdobram. Nesses espaços surgem as oportunidades para a construção das redes sociais, trocas de experiências e o desenvolvimento de conexões nas comunidades.

Entretanto, as relações nem sempre são harmônicas ou desprovidas de desafios. Surgem obstáculos como a falta de infraestrutura adequada, questões de segurança e escassez de espaços inclusivos, pensados e projetados, tendo em vista um público jovem e suas demandas. Estes fatores podem influenciar negativamente as circularidades dos jovens pelo espaço urbano, bem como suas escolhas e modos de usar e até mesmo se apropriar dos espaços públicos. Melo (2015), analisando as diversidades e sociabilidades juvenis circulando pela cidade, afirma que:

No contexto das cidades contemporâneas, os sujeitos juvenis coexistem com situações de vida que permeiam territórios de esperança, de invisibilidade e de desesperança, mas depreendemos das leituras teóricas que mesmo em meio às contradições os jovens circulam por alguns espaços, se apropriam e elaboram circuitos de sociabilidades e se fazem reconhecidos através de configurações singulares. Sem dúvida, existem alguns problemas, limitações e restrições que são entraves às suas diferentes práticas no espaço urbano, mas, mesmo assim, demonstram que constroem mecanismos de ação e resistência diante das experiências da vida cidadina (Melo, 2015. p. 46).

Os jovens estudantes do ensino médio começam a sair de casa e percorrer novos itinerários no processo de descobrir e viver a cidade. Todos os participantes da pesquisa expressaram apreensões em relação à segurança nos espaços públicos urbanos. A prática de crimes, a sensação de vulnerabilidade e a falta de iluminação adequada são fatores que, muitas vezes, influenciam a forma como esses estudantes percebem e utilizam os locais públicos. Essa preocupação com a segurança pode restringir suas atividades e a liberdade de exploração na cidade.

Por meio de um formulário da plataforma *Google Forms*, intitulado “Jovens feirenses: um perfil de suas circularidades no espaço urbano”, os alunos do CMLEM, voluntariamente e sem identificação individual, responderam sobre seus perfis. Pode-se

observar em relação à faixa etária dos participantes do estudo que a maioria estava na faixa dos 16 - 17 anos, idade regular apropriada entre série e idade, levando em consideração que os jovens convidados para participar do estudo são alunos do Ensino Médio. Esta idade eleva o grau de heterogeneidade nas vivências urbanas, com possibilidade de expansão de suas circularidades e trajetos no circuito urbano, com os afazeres familiares, estudantis, culturais e de lazer. Segundo Frois (2013), as juventudes, múltiplas, complexas, com experiências flutuantes, em seus tempos, espaços, bairros, lugares e pedaços, de acordo com seus condicionantes de classe, vão constantemente (re)significando seus lazers dentro da experiência urbano.

Ao fazer uma análise comparativa entre as respostas dos entrevistados, emerge a compreensão de Frois (2013). Este autor enfatizou que a diversidade, a heterogeneidade e os diversos contextos sociais que caracterizam os jovens em uma metrópole ou em cidades menores, impactadas pela expansão urbana, abrem um leque infinito de modos de compreender esse grupo etário. As juventudes, cada uma única e complexa, vivenciam experiências em constante mudança, moldadas pelos diferentes tempos, espaços, bairros, lugares e fragmentos que ocupam. Influenciadas por suas condições sociais, esses jovens continuamente atribuem novos significados às suas formas de lazer no contexto da experiência urbana.

Mesmo diante da diversidade e da heterogeneidade dos jovens estudantes, percebidas entre os entrevistados, bem como entre os respondentes do Formulário *Google Forms* e os participantes dos grupos focais, existem pontos de convergência entres as juventudes feirenses. Poder-se-ia reduzir a duas perguntas e seria encontrado o ponto de convergência, independentemente de qual estilo ou cultura urbana o jovem estudante participa. Questionou-se sobre o que faltava nos espaços públicos de Feira de Santana, que teve como resposta uníssona segurança e infraestrutura adequada. Mesmo quando há um espaço com melhor estrutura, para que haja socialização ao ar livre, a segurança ainda é muito questionada. Um espaço que tem sido frequentado, não só por jovens, é a Lagoa Grande. Espaço para observação e recreação, sendo inapropriada e proibida para o banho, pois recebe água pluvial e esgoto não tratado.

Segundo Sobarzo (2006), os espaços semipúblicos, como as praças em loteamentos/condomínios fechados, *shopping centers*, centros empresariais, parques aquáticos privados, atraem mais adeptos em virtude da maior sensação de segurança - critério especialmente relevante para os residentes em uma cidade com elevados índices de criminalidade e violência como Feira de Santana.

O *shopping center* ganha dos outros lugares quando se trata de espaço de lazer juvenil. Este é um movimento encontrado em todas as cidades que oferecem tal tipo de empreendimento, sendo reconhecido como um espaço público pelas juventudes que o frequentam. O Shopping Boulevard é o maior e mais frequentado de Feira de Santana, estando localizado às margens da Avenida João Durval Carneiro, uma das principais vias estruturantes da cidade. Jovens negros/negras entrevistados temem a violência nos espaços públicos urbanos de Feira de Santana, notadamente das áreas periféricas, no entanto usam cotidianamente os espaços do Shopping Boulevard e se e apropriam deles.

Para Frois (2013), a diversidade e a heterogeneidade presentes nos grupos que circulam livremente, sem barreiras, nos *shoppings* dão uma conotação de público a um espaço comercial privado. E assim se constituem como espaços semipúblicos, conforme os nomeiam Sobarzo (2006) e Moser (2016). Entretanto, o uso e a apropriação destes espaços são monitorados e controlados. Oferecem uma estrutura de conforto e segurança, que, por vezes, também geram rivalidade entre grupos juvenis e os aparatos de segurança quando estes frequentadores não se adaptam ao padrão socioeconômico predominante no empreendimento. Logo, não sendo vistos como potenciais clientes, mas, sim, como uma ameaça à harmonia local.

O horário das atividades de lazer e o tipo de transporte utilizado para os itinerários impactam diretamente nos espaços escolhidos pelo recorte etário juvenil. Quanto ao período de lazer, foi comprovada preferência pela tarde e pela noite. Os locais indicados também estão ligados a uma proximidade da residência como espaços recreativos no próprio condomínio ou bairro em 23% das escolhas; enquanto os espaços privados como cinema, teatro, bares, *shopping* ou clube, igreja ou templo religioso contam com 33% das escolhas, coadunando com a questão da segurança. A escolha por

espaços públicos como parques, jardins, praças, ruas e quadras esportivas ficou com apenas um percentual de 10,5 %.

O medo ou o receio de ser vítima desta violência, característica de Feira de Santana em razão do elevado número de homicídios vitimando, na maioria dos casos, jovens negros e moradores dos bairros periféricos, gera o que Tuan (1980) chama de topofobia. Para este autor, é como se esses locais despertassem emoções desconfortáveis, influenciadas por experiências passadas negativas, características ameaçadoras do ambiente, ou simplesmente pela falta de afinidade para com a atmosfera específica desses espaços.

A topofobia vai além da mera preferência pessoal, revelando uma ligação emocional complexa que molda as relações com o ambiente ao redor, impactando diretamente no bem-estar e na interação com o espaço. Antagonicamente à topofobia, está a “topofilia”, que consiste no elo afetivo que a pessoa ou determinado grupo social tem em relação ao lugar ou ao ambiente físico” (Tuan, 1980. p. 105). Essa ligação pode ser alimentada por características geográficas, históricas, culturais ou afetivas, promovendo um sentimento de pertencimento e de identidade.

No decorrer das análises, torna-se evidente que a juventude é uma categoria multifacetada, em constante busca por estabelecer suas próprias formas de sociabilidades, partindo das vivências e experiências cotidianas. A relação dos jovens estudantes com os espaços públicos nas grandes cidades, como Feira de Santana, revela-se um fenômeno complexo e multifacetado, refletindo tanto as dinâmicas urbanas quanto as experiências individuais desses jovens. Nesses ambientes urbanos, os espaços públicos desempenham papel decisivo como ambientes propícios para a construção de identidade, socialização e expressão cultural nos circuitos juvenis.

Durante seus percursos diários, os jovens, seja em grupos ou individualmente, vivenciam a cidade por meio dos circuitos frequentados durante suas movimentações, especialmente nos espaços urbanos. No entanto, esses itinerários urbanos são moldados por uma série de fatores, tanto de ordem pública quanto privada, que influenciam e delineiam o estabelecimento das territorialidades juvenis na cidade.

Compreendemos que as demandas e anseios dos jovens estudantes do ensino médio podem ser orientados por ações provenientes de políticas públicas de inclusão e incentivo ao desenvolvimento sociocultural, planejadas especificamente para essa faixa etária. Nesse sentido, é essencial reconhecer o papel das políticas públicas na promoção de ambientes urbanos mais inclusivos, que atendam às necessidades e aspirações dos jovens, contribuindo para a construção de uma cidade adaptada às suas vivências e expectativas, uma vez que, para os jovens, os parques, praças, centros culturais e outros locais públicos se transformam em palcos para encontros sociais, atividades recreativas e manifestações culturais.

Sposito (2009) afirma que os estudos sobre juventude têm como propósito subsidiar a formulação, implementação e acompanhamento de políticas públicas que atendam de maneira eficaz a esse público no contexto da escola pública. Simultaneamente, o estudo visa a promover a interação entre a comunidade acadêmica e outros agentes envolvidos nos processos educacionais e na produção de conhecimento relacionado aos estudantes do Ensino Médio. Isso se justifica pelo entendimento de que a produção de conhecimento e de informações acerca da juventude não se restringe ao ambiente universitário.

Os espaços públicos oferecem oportunidades para a criação de memórias compartilhadas, fomentando um senso de pertencimento e conexão com a cidade. Todavia, a relação dos jovens com os espaços públicos também é influenciada por desafios específicos das grandes cidades, como a densidade populacional, a competição pelo uso desses espaços e as questões de segurança. Problemas como a superlotação ou a falta de infraestrutura adequada podem limitar a qualidade da experiência desses estudantes nos espaços urbanos. Do mesmo modo, a precariedade da mobilidade urbana por transporte público, principalmente, interfere significativamente na relação dos jovens com os espaços públicos.

O acesso fácil e eficiente a diferentes partes da cidade pode ampliar as oportunidades de exploração e participação em diversas atividades. A crescente digitalização também molda a relação dos jovens estudantes com os espaços públicos nas grandes cidades. O uso de tecnologia móvel e de redes sociais pode influenciar a

forma como eles percebem e interagem com esses espaços, muitas vezes integrando o virtual e o físico de maneiras inovadoras, a exemplo da formação de rede de encontros, prática de esportes, usando tal recurso para facilitar a mobilidade a partir de aplicativos de transporte. Ao reconhecer a importância dos espaços públicos na formação das experiências juvenis, é possível criar cidades que atendam às necessidades e aspirações dessa significativa parcela da população.

Diante desse cenário, são apresentadas proposições para abordagens mais inclusivas e participativas no planejamento urbano, enfatizando a importância da promoção de espaços de diálogo e da participação dos jovens nesse processo. Sugerem-se a revisão e a atualização das diretrizes relacionadas aos espaços públicos e às práticas juvenis, bem como a integração de projetos e programas que incentivem e valorizem a participação ativa dos jovens nos espaços públicos da cidade.

Para que as pessoas usufruam dos espaços públicos e deles se apropriem, considerando a função social das cidades, é imperativo que esses locais ofereçam o máximo de conforto, bem-estar e segurança. Nessa perspectiva, os espaços desempenham papel fundamental como palco para o desenvolvimento de relações interpessoais entre grupos de diferentes idades e identidades.

Tendo como referência as demandas apresentadas pelos estudantes do ensino médio, colaboradores desta pesquisa, destacam-se pontos essenciais a serem considerados na construção de espaços públicos que promovam as sociabilidades e o bem-estar. Idealmente, as políticas públicas voltadas para a vida nas cidades devem incorporar, na prática, ações como educação para o trânsito, visando a instruir pedestres e motoristas sobre precaução e cordialidade. Nesse contexto, o poder público municipal, através da autarquia de trânsito, busca disciplinar o tráfego por meio da fiscalização eletrônica e da aplicação de multas.

O quesito mais apontado foi a segurança nos espaços públicos como essencial para que as pessoas se sintam protegidas ao desenvolver atividades diurnas e noturnas, sendo necessário reforçar a iluminação e o patrulhamento policial, especialmente em bairros mais periféricos. Estes espaços precisam, também, como medida de segurança, de proteção contra condições climáticas adversas, como calor, chuva e vento, durante

atividades ao ar livre, que podem ser alcançadas pela criação e manutenção de áreas verdes, contribuindo para amenizar o calor característico da região, assim como a poluição.

A construção e a manutenção de espaços adequados para caminhadas, com superfícies e acessos adaptados, permitem que pessoas com deficiência física também desfrutem desses locais. A criação de espaços de permanência, onde os transeuntes possam apreciar fachadas e paisagens urbanas por grandes intervalos de tempo, também é essencial.

Os contornos e assentos suficientes não apenas organizam a circulação das pessoas, mas também estabelecem funções específicas para os lugares, incluindo descanso, lazer e leitura. Propiciar locais de lazer e encontro, com oportunidade para conversar, requer mobiliário urbano que convide e promova a interação entre as pessoas, com baixos níveis de ruído, que permitam conversas sem interrupções.

Locais para se exercitar visam a incentivar um estilo de vida menos sedentário e mais saudável, atendendo ao critério que estabelece que os espaços públicos devem garantir acesso a equipamentos esportivos para todos os cidadãos. A busca por uma boa experiência sensorial nos espaços públicos, com bons acessos e pontos de encontro com a natureza, através da presença de animais, cursos de água, árvores e outras plantas, contribui para enriquecer a vivência urbana.

Os pontos sinalizados pelos jovens estudantes feirenses como causadores de restrições às suas circularidades e ao uso dos espaços urbanos conforme desejado são percebidos e destacados a cada quatro anos, quando as questões municipais ganham destaque em razão das eleições municipais. Há uma coincidência entre os problemas apresentados pelos participantes desta pesquisa e as promessas feitas por todos os envolvidos no processo eleitoral. Além disso, os anseios dos jovens sobre o espaço público urbano são mais abrangentes, aplicáveis a qualquer cidadão, do que específicos da faixa etária jovem.

A principal deficiência indicada na cidade de Feira de Santana foi a segurança pública, especialmente nos bairros periféricos, a iluminação precária em áreas consideradas de baixa renda e distantes do centro urbano, a falta de equipamentos

públicos adequados para uso noturno e a descentralização desses equipamentos de lazer e cultura, distribuindo-os por diversos bairros da cidade. Atender às demandas expressas pelos grupos juvenis certamente teria impacto na qualidade de vida de todos os cidadãos, independentemente de sua faixa etária.

Considerações finais

A análise das circularidades juvenis nos espaços urbanos de Feira de Santana evidencia que a juventude não pode ser compreendida como um grupo homogêneo, mas como um conjunto múltiplo de sujeitos marcados por identidades diversas e interseccionais. Gênero, raça, classe, território de origem, religião e orientações sexuais atravessam suas experiências cotidianas, influenciando diretamente suas formas de acesso, apropriação e significação dos espaços públicos e privados. Assim, os jovens não apenas circulam na cidade, mas a resignificam, imprimindo nela múltiplas territorialidades, fruto de suas vivências subjetivas e coletivas.

As falas dos estudantes revelam que suas práticas espaciais são condicionadas por desigualdades estruturais e percepções simbólicas que operam na cidade como mecanismos de inclusão ou exclusão. Enquanto os jovens de maior poder aquisitivo vivenciam a cidade como espaço de lazer e consumo, outros têm seus percursos marcados pela restrição de acesso, pela precariedade dos equipamentos públicos ou pela insegurança. Essa assimetria mostra que a cidade se constitui como um campo de disputa simbólica e material, em que as juventudes negras, periféricas e femininas enfrentam mais barreiras para exercer plenamente seu direito de circular e pertencer.

Deve-se enfatizar a natureza pluralista dos jovens de cidades dinâmicas como Feira de Santana. Considerando o exposto, não se deve falar de uma identidade única, mas, sim, do dinamismo de múltiplas expressões identitárias e de uma diversidade de formas de usos e apropriações no/do espaço urbano. A interseccionalidade se revela como chave interpretativa fundamental, pois evidencia que as experiências juvenis são atravessadas por marcadores sociais que se articulam de maneira simultânea, produzindo diferentes modos de subjetivação e resistência. Os dados coletados e as

leituras analíticas da pesquisa demonstram que jovens mulheres, pessoas negras e sujeitos de identidades de gênero não normativas que vivenciam de forma distinta os medos, as exclusões e os desejos de pertencimento.

Constatou-se nas entrevistas que a falta de segurança e de infraestrutura contribui para um quadro de desvalorização dos espaços públicos urbanos. Por outro lado, notou-se uma busca mais frequente pelos shoppings, não apenas por questões de conforto e segurança, como também pela leitura desses equipamentos como espaços nos quais são ampliadas as probabilidades de encontros com outros coletivos sociais do mesmo recorte etário. Os espaços públicos urbanos e os shoppings apresentariam diferentes formas e intensidades de sociabilidades e de expressões identitárias.

A caracterização do perfil dos jovens que experienciam a cidade revela que aspectos como identificação étnico-racial e condição socioeconômica exercem papel central na forma como esses sujeitos acessam, percebem e significam os espaços urbanos. Esses marcadores sociais interagem diretamente com as possibilidades de circulação, lazer, sociabilidade e desenvolvimento de pertencimento, evidenciando que a cidade não é vivenciada de forma homogênea, mas atravessada por desigualdades estruturais que impactam de forma diferenciada os grupos juvenis.

Os jovens pardos e negros, que representam a maioria significativa da população estudada, carregam consigo os efeitos históricos e sociais da desigualdade racial, frequentemente associados a piores condições socioeconômicas, limitações de acesso à infraestrutura urbana e maior exposição à violência. A condição socioeconômica, por sua vez, determina não apenas os espaços frequentados, mas também o direito à permanência e ao uso pleno desses ambientes, evidenciando que a cidade pode funcionar como espaço de exclusão ou de afirmação identitária.

Diante dessa realidade, propõe-se uma atenção mais cuidadosa à implementação de políticas públicas que garantam o direito à cidade para todos, assegurando que os espaços públicos urbanos sejam planejados e ofertados de forma equitativa. O que, à primeira vista, pode parecer apenas uma demanda por espaços de lazer, na verdade, representa a reivindicação por direitos fundamentais, vinculados à cidadania, à dignidade humana e à função social da cidade. O poder público tem o dever

de promover ambientes urbanos acessíveis, seguros e inclusivos, capazes de acolher a diversidade étnica e socioeconômica que compõe o tecido social. Sendo assim, assegurar o acesso dos jovens à cidade é assegurar o exercício pleno da cidadania, promovendo justiça social, equidade e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar - Elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo** (On-line), [S. l.], v. 3, n. 1, p. 41-55, 1999. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.1999.123346. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123346>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: _____ (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Disponível em: <https://docsbarraespartana.files.wordpress.com/2012/03/dayrell-juarez-multiplos-olhares-sobre-educacao-e-cultura.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n.100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020

FROIS, Rafael. **Fala Juventude: a relação dos jovens de bairros populares com os eventos e equipamentos de esporte, lazer e cultura no espaço urbano da cidade de Belo Horizonte**. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A7EH3G> Acesso em: 25 nov. 2023

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 16 out. 2021.

MELO, Mônica Aparecida Soares Silva de. **Juventude e espaço urbano [manuscrito]: cursos da vida dos jovens da periferia de baixa renda na cidade de Montes Claros-MG**. Montes Claros, 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social), Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Montes Claros, 2015.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf> Acesso em: 30 jun. 2022

MOSER, G. (2018). Psicologia ambiental: as relações do ser humano com o seu ambiente. (trad. L. Cacaís & I. Günther). (original 2009). **Capítulo 5: Territórios partilhados e espaços**, v. 04, 2016 Disponível em: <https://psiambiental.files.wordpress.com/2016/05/moser-cap-05.pdf> Acesso em: 23 nov. 2023.

OLIVEIRA, Vitor Hugo Nadel. **Jovens olhares sobre a cidade: lugares e territórios urbanos de estudantes porto-alegrenses** Tese de Doutorado em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/16611/1/000498041-Texto%2bcompleto-0.pdf> Acesso em: 25 Nov. 2023.

OLIVEIRA, Vitor Hugo Nadel. **Jovens olhares sobre a cidade: lugares e territórios urbanos de estudantes porto.** (Org.) **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre, RS: GEPUVE, 2023. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/256855/001166649.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 jun. 2023

SANTO, Sandra Medeiros. **A expansão urbana**, o Estado e as águas em Feira de Santana – Bahia (1940-2010), 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Sandra%20MEDEIROS%20SANTO%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Sandra%20MEDEIROS%20SANTO%20(3).pdf) Acesso em: 30 nov. 2022

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. Expressão Popular, São Paulo, 2007.

SERPA, Angelo. Espaço Público e acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica. **GEQUSP Espaço e Tempo**, nº 15 São Paulo, 2004. Disponível: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/123865-Texto%20do%20artigo-233411-1-10-20161208.pdf> Acesso em: 30 nov. 2022.

SERPA, Angelo. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. **Geosp – Espaço e Tempo** (On-line), v. 21, n. 2, p. 586-600, agosto. 2017. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/125427>. Acesso em: 02 nov. 2021.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 19, pp. 93 - 111, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/73992> Acesso em: 30 nov. 2022

SOBARZO, Oscar. Espaço público. In: SPOSITO, Eliseu. **Glossário de geografia humana e econômica**. São Paulo: Unesp, 2017.

SPOSITO, M. P. (Coord.). O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999- 2006). Belo Horizonte: Argymentvm,

2009. v.1-2. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/8.+Alexandre+Santos+-+Resenha+final.pdf Acesso em: 21 jul. 2023.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo. Difel. 1980.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis. Territórios e redes de sociabilidade**. Tese de doutorado. Presidente Prudente. 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/105044> Acesso em: 05 fev. 2022.

Recebido: 01/06/2024 Publicado: 01/11/2025

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito